



COMPETENCIAS NA SALA DE AULA: A PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Dóris Marilu Xavier¹ - UNIPLAC
Érico Paes de Campos² - UNIPLAC

Resumo

Este artigo se propõe a fazer uma reflexão a respeito das percepções de um grupo de professores de uma unidade escolar do sistema municipal ensino, sobre o significado da construção de competências na sala de aula. Este trabalho também lança olhar sobre a formação dos professores, sobre a prática pedagógica e o papel da escola que reconhece e valoriza seus profissionais docentes. Essa foi uma pesquisa de cunho qualitativo e utilizamos um questionário semi-aberto para captar os dados. A pesquisa nos proporcionou novos e edificantes olhares sobre nosso próprio papel como educadores bem como nossas práticas e aprendizados na construção das competências em sala de aula e nos permitiu considerar provisoriamente que se faz necessário reformular os momentos de formação continuada dos professores para abordar de forma mais comprometida o tema “competências”.

Palavras-chave: Competência – Percepção - Professores do Ensino Fundamental

Introdução

O termo competência tão vastamente estudado pelo sociólogo suíço, Philippe Perrenoud nunca foi tão abordado e discutido quanto atualmente. Segundo Perrenoud (1998, p.7):

Se aceitarmos que competência é uma capacidade de agir eficazmente num determinado tipo de situação, apoiada em conhecimentos, mas sem se limitar a eles, é preciso que alunos e professores se conscientizem das suas capacidades individuais que melhor podem servir o processo cíclico de Aprendizagem-Ensino-Aprendizagem.

O ensino escolar permanece conservador, centrado na figura do professor como depositante do saber, inviabilizando assim que o aluno construa uma consciência crítica, forma com a qual poderia transformar suas realidades opressoras. Sobre isso Freire salienta:

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e

¹ Cursando Mestrado Acadêmico em Educação pela Universidade do Planalto Catarinense - UNIPLAC

² Cursando Mestrado Acadêmico em Educação pela Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC

repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fichadores das coisas que arquivam. No fundo, porém, os grandes arquivados são os homens, nesta (na melhor das hipóteses) equivocada concepção “bancária” da educação. Arquivados, porque, fora da busca, fora da práxis, os homens não podem ser. Educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta destorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber (1987, p. 33)

Nesta mesma linha reflexiva o referido autor observa que o professor necessita adotar uma pedagogia diferenciada, que auxilie na construção de uma aprendizagem que seja significativa para todos e indica que o professor deve desenvolver uma série de competências ao longo de sua formação. Para tanto, convém destacar a nova concepção de ciência destacada por Boaventura Santos, quando afirma:

Em vez da eternidade, a história; em vez do determinismo a imprevisibilidade, em vez do mecanicismo, a interpenetração, a espontaneidade e a auto-organização; em vez da reversibilidade, a irreversibilidade e a evolução; em vez da ordem a desordem; em vez da necessidade, a criatividade e o acidente (1997, p.28).

Segundo o autor, o conhecimento, como construção, humana passa a vivenciar um momento de transição paradigmática. A mudança de um paradigma dominante para outro emergente, a partir de um novo conhecimento que enfatiza a necessidade de se buscar um saber que seja sistêmico e multidimensional, indicando a necessidade da construção de competências ao invés do repasse de conhecimentos. “As competências não são elas mesmas saberes, savoir-faire ou atitudes, mas mobilizam, integram e orquestram tais recursos” (PERRENOUD, 2000 p.15).

Nesse sentido, o professor como um mediador de conhecimento deve desenvolver ao longo de sua carreira, as experiências e as competências necessárias para agregar valor ao seu trabalho docente. Para Machado (1996), é necessário lançar mão de uma qualificação profissional e se colocar como mediadora na construção social de identidades individuais e coletivas para que, nesse processo, adquira legitimidade.

O mundo passa por transformações, a globalização faz parte do cotidiano de nosso educando, as tecnologias são uma constante em suas vidas. As novidades tecnológicas suscitam e aguçam a curiosidade dos jovens. A escola enquanto instituição formadora não acompanha tais mudanças e nem sempre leva em conta a utilização das mídias digitais/tecnologias valorizando-as e reconhecendo como aliadas do fazer pedagógico.

Edgar Morin (2001) afirma que a escola deveria ensinar sete saberes que são essenciais, são eles: As cegueiras do conhecimento: O erro e a ilusão; Os princípios de um conhecimento pertinente; A condição humana; A identidade terrestre; O confronto com as incertezas; A compreensão; A ética do gênero humano. Refletindo sobre esses compromissos para a escola do futuro e relevantes e contundentes, buscamos por meio de um estudo de caso conhecer a realidade com a qual o profissional docente se depara dentro do espaço escolar, mais especificamente a sala de aula, no que se desenvolve a construção de competência.

Dessa forma, o presente artigo se propõe a fazer uma análise a respeito das percepções de um grupo de professores sobre o significado da construção de competências considerando que esse conceito, apresentado pelos PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (1999, p.24) do MEC definido como a “capacidade de abstração, do desenvolvimento do pensamento sistêmico, ao contrário da compreensão parcial e fragmentada dos fenômenos, da criatividade, da curiosidade, da capacidade de pensar múltiplas alternativas para a solução de um problema”, ainda é pouco compreendida pelos professores que estão em sala de aula. Para Freire (1996, p.14) a docência exige do educador:

Rigorosidade metódica, pesquisa, respeito aos saberes dos educandos, criticidade, ética e estética, corporificar as palavras pelo exemplo, assumir riscos, aceitar o novo, rejeitar qualquer forma de discriminação, reflexão crítica sobre a prática, reconhecimento e assunção da identidade cultural, ter consciência do inacabamento, reconhecer-se como um ser condicionado, respeitar a autonomia do ser educando, bom senso, humildade, tolerância, convicção de que mudar é possível, curiosidade, competência profissional (FREIRE, 1996).

De forma detalhada, o autor mostra sua percepção sobre uma prática educativa integrada por elementos fundamentais ao cotidiano docente.

Caminho metodológico

O estudo de caso aqui apresentado foi realizado numa determinada unidade escolar da rede municipal de ensino. Para tanto elaboramos um questionário qualitativo para trazer as percepções de cinco professores das turmas de 6º ao 9º anos do ensino fundamental. O estudo de caso é um método qualitativo que consiste em aprofundar uma unidade individual e serve para responder questionamentos sobre o fenômeno estudado. Conforme Yin (2001) o estudo de caso é uma estratégia de pesquisa que compreende um método que abrange tudo em abordagens específicas de coletas e análise de dados. Investiga um fenômeno partindo do seu contexto real, se utilizando de múltiplas fontes de evidências.

Esse é um estudo de caso descritivo e analítico pois buscamos além de descrever, problematizar e produzir novas possibilidades para nosso objeto de pesquisa que posteriormente serão confrontadas com as já existentes, proporcionando desta maneira avanços no conhecimento e na práxis pedagógica. Para garantir transparência e idoneidade ao processo de construção da pesquisa, redigimos um parágrafo relatando como se constituíram as etapas da construção deste artigo.

Dentro da disciplina- Conhecimentos e Saberes- da turma de 2015, surgiu a proposta de um estudo de caso para favorecer e gerar discussões e reflexões, onde o assunto central focalizava questões de Competências na Educação. Por tratarmos de um tema amplo, decidimos nos dedicar às percepções sobre competências por parte dos professores, seguindo as premissas dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1999, p. 24). Para aprofundar e conhecer mais sobre o assunto, diversos artigos sobre as perspectivas de uma educação por competências nas escolas e na sala de aula foram pesquisados e Philippe Perrenoud foi utilizado de forma mais expressiva.

O primeiro passo metodológico foi à criação de um quadro de categorização que se fez essencial para uma melhor articulação do processo. Durante a confecção do quadro de categorização/operacionalização, apontamos conceitos e dimensões que seriam fundamentais ao andamento do processo e na qualidade das pretensões/objetivos a serem alcançados.

Após o processo de categorização, criamos um questionário qualitativo sobre a forma de entrevista semi estruturada, para possibilitar assim uma maior abrangência das respostas e consequentes visões dos entrevistados a respeito do tema, nos possibilitando uma leitura mais ampla e concisa para a reflexão dos resultados.

Dividimos o questionário em três distintos blocos, que em sequência denominamos como: Bloco I de “DADOS GERAIS”, relacionados às questões pessoais, tais como: Idade, gênero, tempo de formação e atuação no magistério e aperfeiçoamento continuado. No Bloco II as questões foram relacionadas à sua formação inicial, satisfação nesta formação e o que considera ter ficado aquém de suas expectativas; onde e como busca atualizar-se profissionalmente. Já no Bloco III criamos as perguntas específicas sobre as Competências na Educação, ou seja, o foco central da nossa pesquisa, em que trazemos as respostas na íntegra dentro do artigo.

Vamos descrever os momentos que antecederam a coleta de dados.

Na tarde do dia 26/05/15, estivemos na Unidade de Ensino onde se realizou posteriormente nossa pesquisa qualitativa, fomos muito bem acolhidos pela equipe técnica, pois se tratava de uma unidade escolar em que estes mestrandos já foram docentes atuando nas turmas de 6º ao 9º anos.

Explicamos também que precisaríamos conversar com no máximo cinco professores para um trabalho de mestrado, na disciplina de Conhecimentos e Saberes, e que este trabalho traria reflexões importantes para o aprimoramento da prática pedagógica e por conseguinte mais qualidade à educação. Fomos informados de que no dia seguinte, no período matutino, um grupo de exatos cinco professores de 6º ao 9º anos estaria presente na unidade e que poderíamos conversar e aplicar o trabalho anteriormente exposto, no caso, o questionário; com os professores que desejassem participar. Para uma maior credibilidade na aplicação dos questionários, decidimos denominar e identificar os mesmos com nomenclatura de cores em inglês, garantindo assim o sigilo e preservando a identidade dos profissionais envolvidos na pesquisa. Utilizamos também @ na palavra Senhor@ , comungando assim com as atuais e crescentes práticas de equidade de gênero.

Com o pressuposto de dar neutralidade sobre uma posição de um gênero aos textos, o uso de “@” e “x” são usados, assim, por exemplo, a frase “todos devem ser contemplados pelo direito a igualdade” é rescrita como “tod@s devem ser contemplado@s pelo direito a igualdade”/“todxs devem ser contempladoxs pelo direito a igualdade”³

Reproduzimos a partir de então, dez questionários iguais que foram depositados em um envelope para que nós, enquanto pesquisadores envolvidos no processo, não soubéssemos realmente quem os respondeu. No dia seguinte 27/05/2015 o grupo dos cinco professores (as), reunidos no momento do intervalo, nos foi apresentado e tivemos a oportunidade de propor a participação deles e valiosa contribuição para o nosso trabalho de pesquisa, ressaltamos também sua livre adesão à proposta. Todo o grupo aderiu prontamente e se colocou à disposição para contribuir conosco ressaltando o quão valioso é receber a “academia” dentro da escola para tratar de questões que venham a agregar à práxis pedagógica.

A direção então pediu que os professores organizassem alguma atividade em sala com seus alunos para assim, de forma bem tranquila responder em sala mesmo, de forma individual, aos questionários.

Nos dirigimos a cada sala de aula e de posse de um envelope com diversos questionários, oferecíamos a eles para que escolhessem o que mais lhe aprouvesse sem que visualizássemos qual o escolhido. Depois de respondido eles nos chamavam, e com outro envelope em mãos, solicitávamos que guardassem aquele que fora respondido por eles, e novamente sem nossa

³ Referência disponibilizada em <https://ensaiosdegenero.wordpress.com/2011/12/22/entre-os-usos-de-e-x/>

visualização. Desta forma buscamos imprimir ética e sigilo ao processo proposto. A média de tempo para a resposta foi de 25 minutos, o que nos fez pensar na real profundidade de leitura e preocupação com as respostas por parte dos professores (as).

Desvelando significados dos dados coletados

Quadro 1: O perfil dos professores entrevistados segundo gênero, idade e escolaridade, serão apresentados através de uma tabela para dar clareza aos dados:

PERFIL DOS PROFESSORES ENTREVISTADOS					
Denominação/identificação	Professor@ ou professor Pink	Professor@ ou professor Blue	Professor@ ou professor Orange	Professor@ ou professor Purple	Professor@ ou professor Green
Gênero	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Idade	49	54	29	28	32
Há quanto tempo se formou? As opções eram: 2 à 5 anos; 5 à 8 anos; 8 à 11 anos; 12 à 15 anos; mais de 15 anos.	De 12 a 15.	De 2 a 5.	De 5 a 8.	De 2 a 5.	De 8 a 11.
Instrução	Licenciatura na área de Português. (Especialização)	Licenciatura nas áreas de Geografia e História.	Licenciatura (não especificou) (Especialização em EJA)	Licenciatura (não especificou)	Licenciatura e Bacharelado (não especificou)

Para obtermos um diagnóstico mais apurado e para uma melhor visualização dos dados da pesquisa, criamos dois quadros que demonstrarão o perfil dos entrevistados, sua idade, gênero, área de conhecimento, tempo de atuação no magistério, como considerou sua formação inicial, onde e como busca novos mecanismos de formação continuada ou outras ferramentas para se manter atualizado e instrumentalizado. Desta forma consideramos de extrema relevância a permanência dos quadros que desvelam nossos entrevistados (as), no corpo deste artigo.

:

Quadro 2: Perfil dos entrevistados conforme satisfação com sua Formação Inicial e como buscam Formação Continuada ou outras modalidades de aperfeiçoamento

PERGUNTAS EFETUADAS					
Denominação/identificação	professor@ ou professor Pink	Professor@ ou professor Blue	Professor@ ou professor Orange	Professor@ ou professor Purple	Professor@ ou professor Green

Como você considera sua formação inicial. (indicamos entre Ótimo, Bom, Regular e Ruim)	BOA	BOA	BOA	BOA	BOA
De qual forma busca aperfeiçoamento profissional	- Cursos; - Formações;	- Cursos; - Formações; - Seminários; - Discussões em grupo;	- Cursos; - Formação; - Especialização; - Congressos; - Seminários; - Eventos; - Discussões em grupo.	- Cursos; - Formações;	- Cursos; - Formação; - Especialização; - Congressos; - Seminários; - Eventos; - Discussões em grupo.

Ao iniciarmos a leitura dos questionários, nos deparamos com uma diversidade de percepções por parte dos professores entrevistados acerca do tema competências na sala de aula, bem como de suas realidades enquanto formação, especializações, enfim, diversidade como um todo se faz presente nos docentes entrevistados. Do grupo que respondeu evidenciou-se que apenas 40% deles possui especialização em alguma área, isto pode significar que a busca por especialização não ocorra por diversos fatores pois percebemos que idade e tempo de atuação no magistério não são fatores influenciadores nesta situação, por outro lado, coincidência ou não, dos cinco entrevistados, quem possui alguma especialização é do gênero feminino, o que nos fez refletir e questionar se realmente é a mulher, maioria nos espaços escolares, que tem buscado se adequar, especializar e preparar-se melhor para os desafios das salas de aula?

Construção de competência: a virtualização de uma ação

Nesse item apresentamos na íntegra, a percepção dos cinco entrevistados para em seguida problematizar suas percepções. A primeira pergunta foi a seguinte:

- O que você entende por competências em sala de aula?

O Professor@ Pink destacou “A competência em sala de aula são as habilidades que o aluno deverá desenvolver com a internalização do conhecimento”. Ao observamos este discurso nos pareceu que o próprio professor repassa a responsabilidade de aprendizado para seu alunado, pois a chamada “internalização” que pode ser o ato da captação do novo, ou reorganização de um conhecimento prévio, é o aluno que deve desenvolver.

Sendo assim, o professor não traz na sua resposta o que lhe compete como responsabilidade enquanto profissional da educação, em contraponto o professor *Orange* diz e pensa a Competência em sala de aula sob outro olhar : “*Acredito que seja potencializar no meu aluno as suas qualidades,*” deixando transparecer que é sim seu papel e função abrir caminhos para que o seu alunado potencialize suas **qualidades**, aliás, esta palavra nos chamou muita atenção, pois nos fez observar que este professor percebe que o seu aluno possui consigo e trás, importantes qualidades significativas e que se tratam professor e alunos como seres inacabados, pois o potencializador pode partir de ambos, sendo o professor o fomentador desta autonomia. Encontramos, a partir disto, respaldo em Paulo Freire (1996, p.25) que diz:

Como educador, devo estar constantemente advertido com relação a este respeito que implica igualmente o que devo ter por mim mesmo. Não faz mal repetir afirmação várias vezes feitas neste texto o inacabamento de que nos tornamos conscientes nos fez seres éticos. O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros.

Já *Professor@ Green* nos aponta ainda outro aspecto relevante na relação de sala de aula no que diz respeito às competências “*as particularidades dos alunos, as diferentes formas de compreender o que é repassado,*” “sua preocupação com as singularidades e mecanismos de aprendizagem nos fazem acreditar que a valorização de cada indivíduo está acontecendo e sendo privilegiada. Também observamos que as percepções sobre competências em sala são diversas como vamos ver na resposta a seguir, onde para *Professor Blue* tem relação com “*habilidade de tempo, conteúdo e desenvolvimento didático*”. Ser competente aqui demonstra ter controle do tempo “hora aula” e as exigências de conteúdos que cada disciplina tem como compromisso previsto para trabalhar durante o ano letivo, é o livro didático a ser concluído, são os planos de aula a serem desenvolvidos e aplicados. Sendo assim, projetos sugeridos além do cronograma a ser seguido *ipsis litteris*, acabam “roubando” horas aula para ele imprescindíveis ao desenvolvimento de suas aulas. Há um apanhado de situações que faz com que o professor tenha de se tornar um hábil controlador do tempo e assim poder desenvolver os conteúdos.

Partindo do depoimento do *Professor Purple*, que define como competência como algo a ser repassado “*por orientação, trabalhar os conteúdos, as áreas, as normas e dever*”. A escola como instituição reproduz e impõe os valores da sociedade atual, e também cria noções de regras e normas coletivas. Uma observação importante sobre a percepção de competências em sala é a que cita Oliveira se referindo ao espaço pedagógico na escola:

Considerada uma reunião e indivíduos (alunos, professores e funcionários) com objetivos comuns e em contínua interação, a escola é um grupo social que transmite cultura. A escola pode também ser vista como uma instituição, ou seja, um conjunto de normas e procedimentos altamente valorizados pela sociedade, cujo objetivo principal é a socialização do indivíduo e a transmissão de determinados aspectos da cultura. (OLIVEIRA, 2001, p. 217)

Perguntamos então se a escola trabalha sobre a perspectiva que cada qual elencou sobre competências em sala de aula e ainda de que forma acontecem estes processos. Dos cinco entrevistados apenas um deles deu resposta negativa, ou seja, não acontece nenhum mecanismo de orientação ou perspectiva sobre o tema, já os outros quatro descreveram que sim, que acontece a preocupação e a preparação para uma melhor aplicação das competências em sala de aula e de como se dá esta construção dentro do espaço escolar, inclusive sinalizando que a própria escola prepara os professores. Vejamos a seguir dois discursos que trazem estes pensares: *Professor Purple* “ diz que é com reuniões e discussões entre professores, orientadoras, diretor” e ainda *Professor@ Pink* ressaltando que é “*pelos orientações recebidas quanto às nossas formas de atuação em sala de aula*”. Esses depoimentos debatidos por nós, novos pesquisadores, realçam o interesse pessoal daqueles que estão diretamente envolvidos no processo.

Para esclarecermos um pouco mais a forma de aplicação das competências em sala de aula, elaboramos os seguintes questionamentos: **Quais as dificuldades e facilidades encontradas para a realização das suas propostas pedagógicas sobre a ótica das competências em sala de aula?**

Neste primeiro momento traremos então das **dificuldades apontadas** pelo grupo e veremos o quanto essas declarações se aproximam no que tange a vida social dentro das salas de aula e no espaço escolar. *Professor@ Pink* ressaltou a “*indisciplina dos alunos; A falta de interesse dos alunos pelo estudo; A falta de cultura dos pais em acompanhar a vida escolar dos filhos*”. *Professor@ Orange* reafirmou a questão da “*Indisciplina e a falta de interesse dos alunos*”.

Professor@ Green deu ênfase à “*falta de interesse dos alunos; Visão distorcida por parte dos alunos sobre o que é estudar; Deficiência que alguns alunos chegam no 6º ano na parte da escrita e interpretação*”. *Professor Purple*, por sua vez, deu vistas ao “*Comportamento dos alunos; material adequado, espaço escolar*”. Observa-se aqui a falta de interesse pelos estudos por parte dos alunos. A indisciplina ou comportamento inadequado são sinalizados em todos estes quatro discursos, o que nos demonstra que estes profissionais da educação independentemente de suas formações iniciais, tempo de atuação no magistério e gênero, tem a mesma percepção. A necessidade de mediação de ‘conflitos’ dentro dos espaços escolares é um desafio para eles (as), o

que pensar a respeito disso? Os processos de formação de professores não se abrem a essa reflexão? Porque a escola não tem parado e se debruçado sobre estas questões latentes na visão dos docentes? As famílias, como colocado pela Professor@ Pink, realmente perderam a cultura do acompanhamento escolar? Estes dilemas fazem parte da rotina de inúmeros espaços escolares na atualidade. Nós, como pesquisadores e mestrandos em educação, temos ciência destas situações e acompanhamos pelos noticiários e enquanto profissionais da educação que somos, já vivenciamos nos nossos espaços de docência.

O que requer a revisão de conceitos e ações pontuais para que o Professor possa com mais qualidade de vida exercer suas atribuições nestes ambientes onde o prejuízo é de todos? Está comprometida a saúde dos profissionais de educação, o não aprendizado eficiente e eficaz dos alunos devem trazer reflexões à toda sociedade. Repensar a educação é um dos motivadores que nos trouxe até o mestrado e acatar esta pesquisa com rigor e profissionalismo ético é um compromisso.

Traremos agora a última parte das perguntas efetuadas observando que as reflexões são muito ricas e interessantes quando se trata de respostas que sinalizam as facilidades apontadas para ações das competências em sala de aula. Seguem as respostas e nosso parecer.

Professor@ Pink destacou “apoio quanto aos recursos necessários para as atividades, mesmo com a devida falta de materiais”.

Professor@ Orange, “1- Domínio de conteúdo. 2- Acessibilidade de recursos”.

Professor@ Green “material disponível, suporte administrativo”.

Professor Purple, “Informática para pesquisa e trabalhos com consulta”.

Novamente, como aconteceu no questionamento anterior, às respostas em geral indicam o suporte pedagógico, o que agora de forma mais clara nos faz perceber que as vivências destes profissionais são singulares e estão ligadas às práticas e percepções do espaço escolar onde atuam.

Recursos ou acesso a matérias disponibilizadas, e o suporte administrativo são elencados como elementos de suporte à prática do professor. Sem dúvida quando as unidades de ensino se colocam administrativamente ao lado dos professores e disponibilizam ações facilitadoras, isso acaba por influenciar e muito no trabalho e desenvolvimento de competências em sala de aula, resultando assim em possível qualidade educacional. “Outro fator por nós observado é o próprio profissional de educação ter consciência do ‘domínio’ da sua matéria (disciplina), o que resulta em aulas de maior qualidade para os discentes.

Como vivemos atualmente num universo onde há uma gama de tecnologias, é importante sinalizar que a abertura e o acesso ao laboratório de informática, para ser utilizado como espaço que agregue valor e fomenta a pesquisa, torna-se um diferencial para enriquecer as aulas. Não há mais

como não vivenciar experiências que envolvam as tecnologias no espaço escolar. Mas de qual maneira utilizamos as tecnologias nos espaços escolares?

Daí a necessidade de uma reflexão sobre os papéis de alunos, professores e gestores das escolas diante da realidade que vivemos sem que se perca de vista a construção da competência de ensinar e de aprender com ou sem as novas tecnologias.

Considerações provisórias sobre o estudo

Temos ciência de que os dados obtidos nesta pesquisa são insuficientes para que possamos fazer uma análise aprofundada do objeto em discussão, no caso, as competências na sala de aula.

Consideramos a pesquisa inconclusiva, porém a mesma permitiu-nos reflexões importantes sobre um processo registrado pelas Diretrizes curriculares e pouco compreendido pelos professores que atuam em sala de aula. Ao analisarmos os resultados que a pesquisa gerou parece-nos evidente que se faz necessário reformular os momentos de formação continuada do professores para abordar de forma mais comprometida o tema competências.

A narrativa dos professores sobre as dificuldades de se encaminhar o processo de construção de competências indicam a indisciplina, o comportamento e o desinteresse do aluno. Entretanto, a formação dos professores sozinha sem mudança de atitude e prática pedagógica, certamente não garantirão as transformações educacionais de que necessitamos.

Questões como valorização do professor enquanto categoria, melhorias salariais e maiores investimentos no espaço físico onde atuam os docentes também fariam diferença nessa visão do ensino de competências.

A pesquisa nos proporcionou novos e edificantes olhares sobre nosso próprio papel como educadores bem como nossas práticas e aprendizados na construção das competências em sala de aula.

Ainda não podemos dizer que os depoimentos retratam posturas certas ou erradas nas suas percepções sobre o tema abordado, mas podemos dizer que os professores ao sinalizarem a importância da “disciplina e do interesse por parte dos alunos” para uma nova relação com o saber, mostram seu reconhecimento de que a proposta de construção de competência, indica a reformulação do paradigma da educação. A resolução de problemas requer autonomia e responsabilidade.

Procuramos ao longo das entrevistas e pesquisa, garantir cada discurso e observar com imparcialidade e isenção de julgo as percepções. Colocamo-nos no lugar dos professores entrevistados e isso se constituiu numa das experiências mais ricas vividas no mestrado. Afinal, o que teríamos nós respondido se fôssemos os entrevistados e não tivéssemos passado pela experiência e pelas orientações recebidas no curso de mestrado?

Com esta indagação encerramos essa reflexão sobre o tema **COMPETÊNCIAS EM SALA DE AULA** destacando ser esse tema de extrema relevância e importância para as discussões desde a formação inicial. Só assim poderemos ampliar as possibilidades de ensino e aprendizagem, onde todos aprendam com os resultados.

Referências

- FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- _____, Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção leitura).
- _____, Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- CARVALHO, Ademar de Lima. Os caminhos perversos da educação: a luta pela apropriação do conhecimento no cotidiano da sala de aula. Cuiabá. Edufimt. 2005.
- MACHADO, L. A. (1996) Institucionalização da lógica das competências no Brasil. Pró-Posições, Campinas, v. 13, n. 1, p. 92-110, jan./abr. 2002
- OLIVEIRA, Persio Santos. **Introdução a Sociologia**. São Paulo: ática, 2001 p. 217.
- PERRENOUD, Ph. Construir as Competências desde a Escola. Porto Alegre : Artmed Editora (trad. em português de Construire des compétences dès l'école. Paris : ESF, 1997, 2^e éd. 1998).
- _____, Porquê construir competências a partir da escola ? Desenvolvimento da autonomia e luta contra as desigualdades. Porto : ASA Editores. 2001
- <https://ensaiosdegenero.wordpress.com/2011/12/22/entre-os-usos-de-e-x/> Acesso em 10/06/2015
- MORIN, Edgar. Os sete Saberes Necessários à Educação do Futuro. São Paulo: Cortez, 3a. ed, 2001
- SANTOS, Boaventura de Souza. Um discurso sobre as ciências. Lisboa: Afrontamento, 1997.
- <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2015/03/falta-de-acompanhamento-psicologico-e-maior-problema-na-escola-dizem-professores.html> Acesso em 12/06/2015
- <http://www.napratca.org.br/tag/denis-mizne/> Acesso em 12/06/2015
- <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2014/12/dez-tendencias-da-tecnologia-na-educacao.html>. Acesso em 10/06/2015
- <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2014/12/dez-tendencias-da-tecnologia-na-educacao.html> Acesso em 13/06/2015